

A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA BÁSICA DE ENFERMAGEM EM SAÚDE INDÍGENA¹

Jacy Horrana Oliveira Santos²

Emanuel Vieira Pinto³

Ivanilda Rodrigues Salomão⁴

RESUMO: A saúde indígena no Brasil é marcada por desigualdades históricas, desafios estruturais e pela necessidade de práticas de cuidado que respeitem a diversidade cultural. A assistência básica de enfermagem desempenha um papel de extrema importância na saúde das populações indígenas, pois representa o primeiro nível de atenção e promove ações contínuas, humanizadas e interculturais. Este trabalho teve como **objetivo geral** analisar a assistência básica de enfermagem à saúde indígena, considerando os aspectos históricos, as principais necessidades de saúde dessas populações, as lacunas assistenciais e os desafios enfrentados na implementação de práticas efetivas e culturalmente sensíveis. Como **objetivo específico**, buscou-se identificar as fragilidades da assistência prestada, mapear as necessidades prioritárias das comunidades indígenas e propor estratégias para qualificar o cuidado de enfermagem. **Metodologia:** por meio de revisão bibliográfica, evidenciou-se que os povos indígenas, historicamente, foram submetidos a processos de exclusão, colonização e vulnerabilidade epidemiológica, tanto em contexto mundial quanto nacional. Os resultados da análise revelaram que a assistência básica de enfermagem, embora prevista em políticas públicas específicas, ainda enfrenta entraves significativos, como a escassez de profissionais capacitados, dificuldades logísticas em áreas remotas e ausência de abordagem intercultural nos serviços de saúde. As estratégias recomendadas incluem a ampliação do número de profissionais qualificados, a incorporação de práticas de educação em saúde adaptadas à cultura indígena, o fortalecimento da participação comunitária e a valorização dos saberes tradicionais. A articulação entre sistemas biomédicos e conhecimentos ancestrais demonstrou ser essencial para garantir uma atenção integral e resolutiva. **Conclui-se** que a qualificação da assistência de enfermagem em saúde indígena depende da superação de barreiras estruturais e culturais, do investimento contínuo em formação especializada e da efetiva escuta e protagonismo das comunidades indígenas nos processos de cuidado.

5441

Palavras-chave: Saúde indígena. Enfermagem básica. Interculturalidade. Atenção primária. Políticas públicas.

¹ Artigo apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do Título de Bacharel em Enfermagem, em 2025.

² Discente do curso de enfermagem- Faculdade Sociais de Ciências Aplicadas- FACISA.

³ Docente do curso de enfermagem- Faculdade Sociais de Ciências Aplicadas- FACISA.

⁴ Orientadora do curso de enfermagem- Faculdade Sociais de Ciências Aplicadas- FACISA.

I. INTRODUÇÃO

A assistência básica de enfermagem desempenha um papel de extrema importância na saúde das populações indígenas. Compreende-se que as comunidades indígenas enfrentam desafios significativos em relação ao acesso aos cuidados de saúde, decorrentes de fatores como localização geográfica remota, falta de recursos e disparidades sociais e culturais. Esses desafios afetam negativamente a saúde indígena e exigem a implementação de estratégias adequadas de assistência básica de enfermagem para abordar as necessidades específicas dessas populações.

Diante do exposto, questiona-se: Qual é a influência da assistência básica de enfermagem na melhoria da saúde das comunidades indígenas? Através do acesso facilitado aos cuidados de saúde, promoção da prevenção de doenças e cuidados holísticos e culturalmente sensíveis, os enfermeiros desempenham um papel fundamental na saúde das populações indígenas. Os desafios são barreiras linguísticas e culturais, falta de recursos e infraestrutura inadequada e a necessidade de sensibilidade e competência cultural, e precisam ser superados para a efetiva implementação da assistência básica de enfermagem.

O objetivo geral desse trabalho foi compreender o papel dos enfermeiros na prestação de cuidados de saúde abrangentes e culturalmente sensíveis às comunidades indígenas. Através dessa abordagem, buscou-se melhorar os indicadores de saúde, promoveram-se ações de prevenção de doenças e proporcionou-se um atendimento acessível e de qualidade. Os objetivos específicos foram: analisar as necessidades de saúde indígena, investigar o papel dos enfermeiros na prestação de cuidados culturalmente sensíveis, avaliar a efetividade das práticas de assistência básica de enfermagem, identificar desafios na implementação e propor estratégias para aprimorar a assistência básica de enfermagem em saúde indígena.

A justificativa para este estudo baseou-se na necessidade de enfrentar as desigualdades de saúde que afetaram as comunidades indígenas. Essas populações tiveram o direito a cuidados de saúde adequados, que respeitaram suas especificidades culturais e atenderam às suas necessidades. A assistência básica de enfermagem desempenhou um papel fundamental nesse contexto, oferecendo cuidados holísticos, promovendo a prevenção de doenças e fornecendo suporte contínuo para melhorar o bem-estar geral.

A metodologia utilizada neste estudo foi uma pesquisa bibliográfica sistemática e qualitativa. Essa pesquisa consistiu na análise de obras já publicadas, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, que abordaram o tema em questão. A revisão literária permitiu uma análise crítica e sistemática do conhecimento existente sobre a

assistência básica de enfermagem em saúde indígena no território brasileiro, fornecendo uma base teórica sólida para o estudo.

Quanto à organização do trabalho, a pesquisa foi constituída por tópicos. Para melhor compreensão, no primeiro capítulo foi abordado o histórico da assistência à saúde dos povos indígenas; no segundo capítulo, descreveu-se a assistência à saúde dos povos indígenas; no terceiro capítulo, foram expostas as principais necessidades de saúde das populações indígenas; e no quarto capítulo, foi apresentada a importância do papel dos enfermeiros na prestação de cuidados de saúde indígena.

Com a conclusão desse projeto, pretendeu-se elucidar que a assistência básica de enfermagem em saúde indígena foi essencial para promover a equidade no cuidado de saúde, melhorar os resultados de saúde, valorizar a cultura indígena e capacitar as comunidades. Os enfermeiros forneceram cuidados culturalmente sensíveis, reduzindo as disparidades e garantindo acesso equitativo aos serviços de saúde. Além disso, eles valorizaram as práticas tradicionais e capacitaram indígenas a serem ativos na promoção de sua própria saúde.

2. METODOLOGIA

5443

A metodologia adotada neste estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de natureza exploratório-descritiva, com ênfase em uma revisão bibliográfica sistemática. Tal estratégia metodológica visa à elucidação teórica e crítica do conhecimento acumulado sobre a assistência básica de enfermagem às populações indígenas, a partir da análise de publicações científicas já consolidadas.

A investigação pauta-se na triangulação epistemológica de fontes acadêmicas, abrangendo artigos indexados em bases de dados científicas reconhecidas, além de teses, dissertações e livros especializados. Esta seleção é conduzida com critérios de pertinência temática, atualidade, relevância e rigor metodológico, assegurando a consistência e validade científica dos dados coletados.

A revisão sistemática da literatura possibilita uma apropriação crítica e reflexiva dos paradigmas assistenciais aplicados à saúde indígena no Brasil, promovendo a identificação de padrões recorrentes, lacunas investigativas e práticas bem-sucedidas na atuação da enfermagem. Tal análise confere densidade teórica e aprofundamento conceitual, proporcionando uma base sólida para a construção de propostas interventivas e diretrizes de atuação profissional culturalmente sensíveis e equitativas.

A pesquisa bibliográfica desempenha um papel fundamental no conhecimento sobre um determinado assunto, fornecendo subsídios teóricos para a investigação. Ela permite ao pesquisador familiarizar-se com o estado atual do conhecimento na área, identificar lacunas ou questões em aberto e embasar o estudo em questão. Além disso, ao analisar e sintetizar as informações encontradas, o pesquisador pode desenvolver argumentos consistentes e embasados em estudos anteriores. (BOCCATO, 2006, p. 266, apud. PIZZANI et al., 2012, p. 54).

O local de estudo desta pesquisa foi o território brasileiro, englobando estudos e pesquisas realizados em diferentes regiões do Brasil que abordaram a assistência básica de enfermagem em saúde indígena. Dessa forma, foi possível obter uma visão ampla e representativa das práticas, desafios e avanços nesse campo em todo o país.

É importante destacar que a pesquisa bibliográfica não se limita apenas à coleta de informações, mas também envolve uma análise crítica e reflexiva do conhecimento disponível. Ao examinar as diferentes perspectivas e abordagens adotadas pelos pesquisadores, o pesquisador pode enriquecer sua compreensão sobre o tema e contribuir para o avanço do conhecimento científico. (SILVA, 2018, p.7).

A técnica utilizada nesta pesquisa foi a revisão bibliográfica sistemática. Foi realizada uma busca sistemática na literatura científica utilizando bases de dados eletrônicas, como PubMed, Scopus e Biblioteca Virtual em Saúde. Os termos de busca foram definidos de acordo com o tema da pesquisa e incluíram palavras-chave relacionadas à assistência básica de enfermagem em saúde indígena. Os estudos identificados foram selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, e os dados relevantes foram extraídos e analisados de forma a fornecer uma síntese das principais descobertas e tendências encontradas na literatura.

5444

A revisão literária no território brasileiro proporcionou uma compreensão aprofundada da assistência básica de enfermagem em saúde indígena no contexto nacional, permitindo a identificação de lacunas no conhecimento e fornecendo subsídios para o desenvolvimento de estratégias e intervenções mais eficazes nessa área.

Para o critério de amostra da pesquisa foram utilizados artigos, revistas, livros e cartilhas de sites de instituições públicas, como a Biblioteca Virtual do Ministério da Saúde, sites digitais como SCIELO e GOOGLE ACADÊMICO. Somando um total de 32 trabalhos, dos quais foram utilizados apenas 17 trabalhos, e os demais foram descartados por não se adequarem ao tema proposto.

Os resultados obtidos através da análise dos textos para elaboração da pesquisa foram apresentados em formato de sete capítulos que foram apresentados a seguir. Este trabalho foi

dividido em sete capítulos, com o objetivo de analisar a assistência básica de enfermagem à saúde indígena, considerando aspectos históricos, culturais e organizacionais.

O primeiro capítulo abordou o contexto histórico mundial, destacando como os povos indígenas foram excluídos dos sistemas de saúde e como seus saberes tradicionais foram desvalorizados ao longo do tempo. O segundo capítulo tratou do contexto histórico nacional, mostrando a evolução das políticas públicas de saúde indígena no Brasil, até a criação da SESAI e dos DSEIs.

No terceiro capítulo, discutiu-se a assistência à saúde dos povos indígenas atualmente, destacando o funcionamento do SASI-SUS e a atuação das equipes multidisciplinares. O quarto capítulo apresentou as principais necessidades de saúde das populações indígenas e apontou as lacunas da assistência básica de enfermagem, como a falta de profissionais e recursos.

No quinto capítulo, foi analisado o papel dos enfermeiros, destacando a importância da sensibilidade cultural e do respeito às práticas tradicionais de cuidado. O sexto capítulo avaliou a efetividade das práticas de enfermagem, mostrando que ações culturalmente adequadas trazem melhores resultados em saúde. Por fim, o sétimo capítulo abordou os desafios da assistência, como a rotatividade de profissionais, as barreiras linguísticas e a 5445 falta de formação específica.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO MUNDIAL

Historicamente, os povos indígenas foram severamente impactados pelos processos de colonização, com perdas territoriais significativas, imposições culturais e uma brutal vulnerabilidade frente a doenças trazidas pelos colonizadores. A partir do século XV, a chegada dos europeus às Américas e outras regiões resultou em epidemias de varíola, sarampo e gripe, para as quais as populações indígenas não tinham imunidade. Esses eventos desencadearam uma mortalidade em massa, agravando o processo de desestruturação social e cultural dessas comunidades (Ahmadpour et al., 2023).

Ao longo dos séculos seguintes, os sistemas de saúde hegemônicos ignoraram as necessidades específicas das populações indígenas, tratando-as como populações-alvo de campanhas emergenciais e não como sujeitos com direito a cuidados integrais. Essa abordagem reducionista e etnocêntrica foi amplamente criticada a partir do século XX,

especialmente com a emergência de movimentos pelos direitos humanos e a descolonização em diversos países.

Foi apenas no final do século XX e início do século XXI que os direitos dos povos indígenas passaram a ser reconhecidos internacionalmente, inclusive o direito à saúde. A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, aprovada em 2007, estabeleceu princípios fundamentais como a autodeterminação e a oferta de cuidados de saúde que respeitem as tradições culturais e espirituais desses povos, promovendo uma visão mais ampla e inclusiva do cuidado (Oliveira Lima & Sousa, 2021).

A partir dessa nova perspectiva, reconhece-se que o modelo de atenção à saúde indígena deve ser diferenciado, contemplando a integralidade, a interculturalidade e a promoção do bem-estar de forma holística. Essa abordagem exige não apenas a inclusão dos saberes tradicionais, mas também a superação das barreiras de acesso físico, geográfico, linguístico e simbólico que ainda afetam muitas comunidades indígenas ao redor do mundo.

Países como o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia desenvolveram políticas específicas voltadas à saúde indígena, integrando práticas tradicionais com a biomedicina moderna. Contudo, estudos demonstram que ainda existem inúmeros desafios relacionados à efetividade da assistência, especialmente em regiões remotas e no preparo adequado de profissionais de saúde quanto à competência cultural (Boccato, 2006; Ahmadpour et al., 2023). 5446

A atuação de profissionais capacitados em competências culturais é crucial para garantir um cuidado que não apenas respeite as tradições locais, mas também promova o protagonismo indígena nas decisões sobre saúde. Nesse sentido, ações educativas voltadas à formação de enfermeiros que atuam em contexto indígena têm se mostrado fundamentais para fortalecer a relação entre equipes de saúde e comunidades atendidas.

Além disso, políticas públicas como a implantação de programas nutricionais específicos, a exemplo do NutriSUS no Brasil, demonstram que ações sensíveis à realidade indígena podem promover melhorias significativas nos indicadores de saúde, quando associadas ao envolvimento das lideranças locais e dos agentes de saúde indígenas (Oliveira et al., 2022).

Por fim, é necessário destacar que a construção de um modelo de atenção à saúde realmente efetivo para os povos indígenas exige um esforço contínuo de valorização cultural, respeito à diversidade e garantia do acesso equitativo aos serviços. O papel do enfermeiro, nesse cenário, é estratégico para mediar saberes, promover educação em saúde e atuar de maneira ética e culturalmente competente nas ações de cuidado.

3.2 CONTEXTO HISTÓRICO NACIONAL

No Brasil, a trajetória da assistência à saúde dos povos indígenas é marcada por profundas desigualdades históricas, que refletem o legado colonial, o preconceito e a marginalização dessas populações. Durante séculos, os indígenas foram alvo de políticas assimilaçãoistas, que ignoravam suas práticas tradicionais de cuidado e os subordinavam a uma visão biomédica dominante. Somente com a Constituição Federal de 1988 os povos indígenas passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direitos, inclusive o direito à saúde diferenciada, o que marcou um importante avanço na legislação brasileira.

Com a criação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS) em 1999, dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), houve o reconhecimento oficial da necessidade de uma atenção específica e intercultural para as comunidades indígenas. Essa estrutura passou a ser organizada por Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs), que integram ações de atenção básica, vigilância em saúde, promoção e prevenção, levando em consideração os saberes tradicionais e a participação das comunidades nos processos de cuidado (Santos, Cardoso & Siqueira, 2021).

Embora haja avanços institucionais no campo da saúde indígena no Brasil, persistem significativos entraves na implementação efetiva das ações assistenciais. A deficiência da infraestrutura em territórios remotos, a elevada rotatividade de profissionais de saúde e as barreiras de ordem linguística e cultural configuram-se como obstáculos à consolidação de um cuidado integral e humanizado. Ademais, é frequente o relato de profissionais de enfermagem quanto à insuficiência da formação acadêmica para o manejo das especificidades socioculturais dos povos indígenas, o que compromete a qualidade e a resolutividade da atenção prestada.

O papel do enfermeiro nesse cenário é central, especialmente na atenção básica, onde atuam como articuladores entre o conhecimento biomédico e os saberes tradicionais das comunidades. No entanto, esses profissionais relatam dificuldades operacionais e emocionais em sua prática cotidiana, desde a falta de recursos até o choque cultural com modos de vida diferentes dos seus. Essas barreiras tornam necessária uma maior valorização da formação em interculturalidade nos cursos de graduação em enfermagem. (Santos et al., 2022).

Reflexões sobre o ensino de enfermagem revelam que ainda há lacunas importantes na formação voltada à atuação com povos indígenas. Embora iniciativas de sensibilização cultural existam, elas são frequentemente pontuais e pouco integradas ao currículo. O uso de metodologias ativas de aprendizagem tem sido apontado como uma estratégia eficaz para

desenvolver competências interculturais nos futuros profissionais, favorecendo uma formação mais crítica e humanizada.

Para além da qualificação técnica dos profissionais, a configuração organizacional dos serviços de saúde exerce influência direta sobre a efetividade do cuidado voltado às populações indígenas. A carência de estratégias organizacionais claras e estruturadas no âmbito dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs) compromete a continuidade do cuidado e favorece a fragmentação entre os distintos níveis de atenção. Evidências na literatura indicam que a articulação interprofissional e o fortalecimento da gestão local constituem pressupostos fundamentais para assegurar o acesso equânime e a integralidade da atenção à saúde indígena (Meloni, 2020).

Na atenção primária à saúde, o enfermeiro precisa lidar com as demandas de uma população diversa e complexa, que possui valores, crenças e práticas próprias. A utilização de metodologias ativas, aliadas à escuta qualificada e ao diálogo com os agentes indígenas de saúde, é uma das formas mais eficazes de promover um cuidado centrado na cultura e nas necessidades das comunidades, conforme apontado em experiências avaliadas na literatura recente (Magalhães, 2020).

Portanto, a construção histórica da assistência à saúde dos povos indígenas no Brasil 5448 revela avanços legais importantes, mas também muitos desafios na operacionalização de uma política efetivamente intercultural. O enfermeiro, como protagonista na linha de frente da atenção básica, precisa ser valorizado, capacitado e apoiado institucionalmente para que consiga cumprir sua função de cuidado de forma sensível, ética e resolutiva. A superação das desigualdades passa pela valorização do diálogo entre saberes e pela efetiva inclusão dos povos indígenas na construção das políticas públicas de saúde.

3.3 A ASSISTENCIA À SAÚDE DOS POVOS INDÍGENAS

A assistência à saúde dos povos indígenas é uma questão complexa e de extrema importância. Essas populações enfrentam desafios específicos em relação ao acesso aos serviços de saúde, decorrentes de fatores como localização geográfica remota, falta de infraestrutura adequada, barreiras linguísticas, desigualdades sociais e culturais, entre outros.

De acordo Cavalcante (2020), a saúde dos povos indígenas sofre muito por fatores socioeconômicos, ambientais, culturais e históricos, que impactam diretamente sua qualidade de vida e bem-estar. A falta de acesso a serviços básicos de saúde, como atendimento médico,

medicamentos, vacinação e cuidados preventivos, contribui para altas taxas de morbidade e mortalidade nessas comunidades.

É fundamental considerar as particularidades culturais e os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas em relação à saúde. Suas práticas de cura, medicina tradicional e concepções de saúde e doença devem ser respeitadas e integradas aos cuidados de saúde prestados. A abordagem intercultural é essencial para garantir uma assistência adequada e sensível às necessidades dessas populações.

É necessário fortalecer as políticas públicas voltadas para a saúde indígena, promovendo a capacitação de profissionais de saúde para lidar com as especificidades culturais e linguísticas, além de garantir a presença de equipes de saúde em áreas remotas. A participação ativa das comunidades indígenas na elaboração e implementação de políticas e programas de saúde é fundamental para o desenvolvimento de ações efetivas e inclusivas. (Chagas, 2019).

A promoção da equidade no acesso à saúde, o respeito aos direitos indígenas, a valorização dos conhecimentos tradicionais e a proteção do meio ambiente são elementos-chave para garantir uma assistência de qualidade aos povos indígenas. O reconhecimento e a valorização da diversidade cultural e dos direitos humanos são fundamentais para promover a saúde e o bem-estar dessas comunidades, respeitando sua autonomia e preservando suas identidades culturais.

5449

3.4 PRINCIPAIS NECESSIDADES DE SAÚDE DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS E AS LACUNAS NA ASSISTÊNCIA BÁSICA DE ENFERMAGEM

A análise das principais necessidades de saúde das populações indígenas e das lacunas na assistência básica de enfermagem revela desafios significativos que afetam o acesso a cuidados de saúde adequados e culturalmente sensíveis. As comunidades indígenas enfrentam uma série de necessidades de saúde específicas, muitas vezes relacionadas a fatores como localização geográfica remota, falta de recursos e desigualdades sociais.

Entre as principais necessidades de saúde das populações indígenas, destacam-se a prevalência de doenças infecciosas, como malária, tuberculose e infecções respiratórias, que podem ser agravadas pela falta de infraestrutura adequada e condições de vida precárias. Além disso, as comunidades indígenas também enfrentam altas taxas de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, muitas vezes associadas a fatores como dieta inadequada, falta de acesso a alimentos saudáveis e estilo de vida sedentário. (Cavalcante, 2020).

Outra necessidade de saúde importante é a saúde mental das populações indígenas, que frequentemente sofrem com altos níveis de estresse, traumas históricos, perda de identidade cultural e discriminação, o que pode levar a problemas como depressão, ansiedade e suicídio. Além disso, a saúde materno-infantil é uma preocupação significativa, com altas taxas de mortalidade materna e infantil em algumas comunidades indígenas, muitas vezes relacionadas à falta de acesso a cuidados pré-natais, atendimento de qualidade durante o parto e cuidados de saúde adequados para crianças.

De acordo Magalhães (2020), no entanto, a assistência básica de enfermagem desempenha um papel fundamental na abordagem dessas necessidades e lacunas na saúde das populações indígenas. Os enfermeiros, como membros essenciais da equipe de saúde, têm a capacidade de fornecer os cuidados holísticos e culturalmente sensíveis, levando em consideração os valores, as crenças e as práticas das comunidades indígenas, ajudando na promoção da prevenção de doenças, na educação em saúde, no acompanhamento contínuo e no suporte às populações indígenas. Há lacunas na assistência básica de enfermagem que dificultam o atendimento adequado às necessidades das populações indígenas. (Magalhães, 2020).

Entre as lacunas identificadas estão a falta de profissionais de enfermagem qualificados e culturalmente competentes, a escassez de recursos e infraestrutura adequados nas comunidades indígenas, a falta de treinamento em saúde intercultural e a falta de coordenação efetiva entre os serviços de saúde e as comunidades indígenas. Para superar essas lacunas, são necessárias abordagens integradas e colaborativas. É crucial investir na formação e capacitação de enfermeiros para garantir que eles possuam as habilidades e o conhecimento necessários para fornecer uma assistência cultural. (Magalhães, 2020).

3.5 O PAPEL DOS ENFERMEIROS NA PRESTAÇÃO DE CUIDADOS DE SAÚDE CULTURALMENTE SENSÍVEIS ÀS POPULAÇÕES INDÍGENAS

Os enfermeiros desempenham um papel fundamental na promoção da saúde e no bem-estar das comunidades indígenas, levando em consideração suas particularidades culturais, crenças e práticas de saúde. Esses profissionais sabem reconhecer e respeitar as tradições, valores e conhecimentos tradicionais relacionados à saúde, eles estabelecem uma relação de confiança com os pacientes, o que é essencial para um cuidado efetivo.

Essa abordagem requer uma compreensão profunda das práticas e rituais culturais das comunidades indígenas, permitindo aos enfermeiros adaptar suas intervenções e cuidados

para atender às necessidades individuais e coletivas, promovendo a saúde e o bem-estar das comunidades indígenas. Reconhecemos a soberania dos Povos Indígenas em toda a Terra como guardiões tradicionais do País e respeitamos sua conexão contínua com a cultura, a comunidade, a terra, as águas e o céu. (Magalhães, 2020).

Prestamos nosso respeito aos Anciões do passado e do presente e, em particular, àqueles que lideraram o caminho, permitindo-nos realizar nossas próprias aspirações de sermos curandeiros e cuidadores, conduzindo nosso povo de e para o Sonhar. (Santos, 2021).

Além disso, os enfermeiros desempenham um papel crucial na educação em saúde, capacitando as comunidades indígenas para tomar decisões informadas sobre sua própria saúde, fornecendo informações relevantes sobre prevenção de doenças, cuidados pré-natais, cuidados com crianças e outros aspectos importantes da saúde.

A identificação e abordagem das desigualdades de saúde que afetam as populações indígenas também são responsabilidades dos enfermeiros, que colaboram com outros profissionais de saúde e membros da comunidade para desenvolver estratégias de prevenção e intervenção culturalmente complexos, adaptadas às necessidades locais. Os enfermeiros atuam como defensores da equidade no acesso aos cuidados de saúde, buscando reduzir as disparidades e promover a justiça social. (Rodrigues et al., 2021).

5451

Para desempenhar efetivamente seu papel na prestação de cuidados de saúde, os enfermeiros devem adquirir competência cultural. Isso envolve a busca de conhecimento sobre a história, cultura, crenças e práticas de saúde das comunidades indígenas, além do desenvolvimento de habilidades de comunicação intercultural e sensibilidade cultural. (Rocha, 2019).

A formação e o desenvolvimento profissional contínuo são essenciais para que os enfermeiros estejam preparados para atender às necessidades das populações indígenas de maneira adequada e respeitosa. Sua atuação vai além dos aspectos clínicos, envolvendo uma compreensão profunda das necessidades, valores e práticas de saúde das comunidades indígenas.

Através de uma abordagem intercultural, os enfermeiros têm o potencial de melhorar a saúde e o bem-estar das populações indígenas, promovendo a equidade no acesso aos cuidados de saúde e respeitando sua identidade cultural. A educação em saúde desempenha um papel fundamental na melhoria da assistência básica de enfermagem em saúde indígena. Por meio de programas educacionais direcionados às comunidades indígenas, é possível

fornecer informações relevantes sobre cuidados de saúde, prevenção de doenças e práticas saudáveis. (OliveirA et al., 2022).

Esses programas devem ter questões de consciência cultural e adaptados às necessidades locais, fortalecendo a autonomia das comunidades indígenas e promovendo a adoção de práticas saudáveis no cotidiano. Além disso, a educação em saúde também desempenha um papel crucial na capacitação dos profissionais de enfermagem, fornecendo conhecimentos e habilidades necessárias para a compreensão e o respeito à cultura indígena, permitindo que ofereçam cuidados de forma adequada e sensível.

Através da educação em saúde, é possível fortalecer os saberes tradicionais, abordar questões específicas das comunidades indígenas, como a preservação do meio ambiente e a medicina tradicional, e promover uma abordagem intercultural na assistência de enfermagem. Dessa forma, tanto as comunidades indígenas quanto os profissionais de enfermagem se beneficiam muito, resultando em uma assistência mais efetiva, centrada no paciente e alinhada às necessidades culturais e contextuais das comunidades indígenas e longevidade na sua saúde. (Silva;Pirolo, 2018).

Quadro 1: ESTRATÉGIAS E RECOMENDAÇÕES PARA ASSISTÊNCIA BÁSICA DE ENFERMAGEM EM SAÚDE INDÍGENA

5452

Estratégia	Descrição
Ampliação do quadro de profissionais	Promover a contratação de mais profissionais de enfermagem qualificados (enfermeiros, técnicos e auxiliares) para suprir a demanda crescente por assistência básica, garantindo um atendimento mais ágil, abrangente e de qualidade nas comunidades indígenas.
Educação em saúde	Desenvolver programas educativos voltados à promoção da saúde e prevenção de doenças, respeitando os saberes tradicionais e adaptando a linguagem e os conteúdos às realidades culturais e locais das comunidades indígenas.
Monitoramento e avaliação contínuos	Implantar mecanismos de avaliação permanentes que possibilitem o acompanhamento da qualidade dos serviços, por meio de pesquisas, indicadores, coleta de dados e escuta das comunidades, favorecendo ajustes e melhorias constantes na assistência.
Parcerias com instituições indígenas	Estabelecer colaborações com organizações indígenas (lideranças, associações, conselhos) para promover uma abordagem participativa e alinhada às demandas locais, fortalecendo a legitimidade e a eficácia das ações em saúde.
Interculturalidade	Incorporar os saberes tradicionais, práticas de cura e medicinas indígenas na atenção à saúde, respeitando as crenças, rituais e valores cultura

Fonte: Autor Acervo, 2025.

3.6 A EFETIVIDADE DAS PRÁTICAS DE ASSISTÊNCIA BÁSICA DE ENFERMAGEM EM SAÚDE INDÍGENA

A avaliação da efetividade das práticas de assistência básica de enfermagem em saúde indígena é de extrema importância para garantir que os cuidados de saúde prestados atendam às necessidades das populações indígenas de maneira eficaz. Essa avaliação busca analisar se as intervenções e abordagens adotadas pelos enfermeiros estão alcançando os resultados desejados em termos de promoção da saúde, prevenção de doenças e melhoria do bem-estar das comunidades indígenas.

A avaliação da efetividade das práticas de assistência básica de enfermagem em saúde indígena deve contemplar a adequação cultural das intervenções. Isso implica analisar se as abordagens adotadas respeitam e incorporam os valores, crenças e práticas tradicionais das comunidades indígenas. Ademais, uma assistência básica de enfermagem culturalmente sensível é essencial para a obtenção de resultados positivos, pois reconhece e valoriza a diversidade cultural das populações indígenas. Nesse sentido, é imprescindível que os profissionais desenvolvam sensibilidade e competência para atuar em consonância com a pluralidade cultural presente nesses contextos. (Magalhães, 2020).

No entanto, é importante destacar que a avaliação da efetividade das práticas de assistência básica de enfermagem em saúde indígena pode enfrentar desafios. As disparidades sociais e econômicas, a falta de acesso a recursos adequados e as barreiras linguísticas e culturais podem dificultar a coleta de dados e a avaliação precisa dos resultados.

Diante das especificidades socioculturais dos povos indígenas, torna-se imperativo que as abordagens de pesquisa adotadas no campo da saúde sejam culturalmente sensíveis e eticamente responsáveis. Isso implica não apenas o reconhecimento das particularidades históricas, sociais e simbólicas dessas comunidades, mas também a adoção de metodologias participativas que valorizem o conhecimento tradicional e as formas próprias de organização social. (Magalhães, 2020).

A inclusão ativa das lideranças e dos membros das comunidades indígenas em todas as etapas do processo avaliativo desde o delineamento do estudo até a interpretação dos resultados contribui para a construção de intervenções mais legítimas, contextualizadas e eficazes. Além disso, tal participação fortalece o protagonismo dos povos indígenas e promove seu empoderamento, garantindo que suas vozes, necessidades e prioridades sejam efetivamente consideradas nas políticas públicas e práticas assistenciais.

3.7 DESAFIOS E OBSTÁCULOS QUE AFETAM A IMPLEMENTAÇÃO ADEQUADA DA ASSISTÊNCIA BÁSICA DE ENFERMAGEM EM SAÚDE INDÍGENA

A consolidação de uma assistência básica de enfermagem efetiva junto às comunidades indígenas demanda a adoção de estratégias múltiplas, articuladas e culturalmente sensíveis. A ampliação do quadro de profissionais de enfermagem é uma das medidas fundamentais para responder à crescente demanda por cuidados de saúde nos territórios indígenas.

A escassez de enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem compromete não apenas o acesso, mas também a qualidade do cuidado. A contratação de profissionais qualificados e com formação específica para atuar em contextos interculturais é uma necessidade urgente, como apontado por estudos que abordam as limitações enfrentadas pela equipe de enfermagem na atenção primária em regiões remotas do Brasil (Rodrigues et al., 2021).

Além disso, é imprescindível a implementação de programas contínuos de educação em saúde voltados às comunidades indígenas. Tais programas devem ser construídos com base no respeito às tradições e conhecimentos locais, utilizando uma linguagem acessível e integrando os saberes tradicionais com as práticas da biomedicina.

5454

A educação em saúde, quando bem conduzida, fortalece a autonomia das comunidades e estimula a adoção de práticas preventivas, conforme observado em diversas revisões da literatura sobre cuidados com populações vulneráveis (Oliveira et al., 2022).

Outro eixo estratégico essencial é a criação de mecanismos eficazes de monitoramento e avaliação dos serviços prestados. A coleta sistemática de dados, o feedback das comunidades e a análise contínua das práticas possibilitam o aprimoramento constante da assistência prestada pelas equipes de enfermagem.

Segundo Silva e Pirolo (2018), a organização dos serviços de saúde depende diretamente da capacidade de adaptação às demandas identificadas a partir da realidade local. A colaboração com instituições e lideranças indígenas também é fundamental para uma atuação mais eficaz.

Estabelecer parcerias com associações e conselhos de saúde indígena permite uma abordagem mais participativa, que considera as especificidades socioculturais de cada povo. Essa estratégia fortalece o protagonismo indígena nas decisões relacionadas à saúde, o que está alinhado com as recomendações de práticas colaborativas baseadas na interculturalidade (Rocha et al., 2019).

No contexto da assistência de enfermagem, é imprescindível reconhecer e valorizar a interculturalidade como um princípio norteador. Incorporar os saberes tradicionais, rituais de cura e medicinas indígenas aos cuidados prestados não apenas legitima as práticas locais, mas também favorece a adesão ao tratamento.

A valorização da diversidade cultural deve ser acompanhada de uma escuta ativa e respeitosa por parte dos profissionais, como argumenta Nakata (2018) ao tratar dos desafios dos diálogos difíceis entre diferentes sistemas de conhecimento. A busca pela equidade no acesso aos serviços de saúde também precisa ser uma prioridade nas políticas voltadas aos povos indígenas.

Superar as desigualdades estruturais significa garantir cuidados de qualidade adaptados às realidades locais, respeitando as particularidades linguísticas, geográficas e culturais de cada território. Essa perspectiva está em consonância com os princípios do SUS e com os direitos assegurados na Constituição Federal (Santos, 2021).

Outra estratégia fundamental diz respeito ao fortalecimento da participação comunitária no planejamento, execução e avaliação das ações de saúde. A escuta das lideranças indígenas, a realização de assembleias e a integração dos agentes indígenas de saúde às equipes de enfermagem são medidas que promovem uma maior corresponsabilização da comunidade com sua saúde. 5455

Segundo Pizzani et al. (2012), o empoderamento comunitário está diretamente associado à eficácia das intervenções em saúde pública. Por fim, é importante ressaltar a relação indissociável entre saúde indígena e preservação ambiental. O território, para os povos indígenas, é mais do que um espaço físico: é a base espiritual, cultural e de subsistência.

A enfermagem deve, portanto, incorporar uma perspectiva ecológica em sua atuação, promovendo práticas sustentáveis e respeitosas ao meio ambiente. Essa visão amplia o conceito de saúde, integrando o bem-estar humano ao equilíbrio com a natureza (Santos, 2021).

Nesse sentido, a formação especializada dos profissionais de enfermagem é um ponto-chave. A capacitação deve incluir conteúdos voltados à história, cultura e cosmovisão indígena, bem como o desenvolvimento de habilidades de comunicação intercultural. Apenas com profissionais preparados será possível ofertar uma assistência mais humanizada, sensível e alinhada às reais necessidades das comunidades indígenas (Rocha et al., 2019).

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise crítica da produção científica evidencia que a assistência básica de enfermagem direcionada à saúde indígena permanece marcada por entraves estruturais e organizacionais significativos. Destacam-se, entre os principais fatores limitantes, a insuficiência na alocação de profissionais com formação específica e as dificuldades logísticas que comprometem o acesso efetivo das comunidades indígenas geograficamente isoladas aos serviços de saúde disponíveis.

Conforme destaca Rodrigues et al. (2021), a escassez de recursos humanos na Atenção Primária em territórios indígenas é um dos principais entraves para a integralidade do cuidado. Outro aspecto recorrente identificado foi a carência de formação especializada dos profissionais de enfermagem quanto à abordagem intercultural.

Muitos profissionais não recebem capacitação adequada sobre a história, os costumes e os saberes tradicionais dos povos indígenas, o que dificulta a criação de vínculos terapêuticos e compromete a eficácia das ações de saúde. A ausência de preparo específico para atuar em contextos culturalmente diversos acaba gerando resistências, tanto por parte dos profissionais quanto das comunidades atendidas.

A baixa adesão das comunidades indígenas às ações de saúde oferecidas pelos serviços oficiais pode ser explicada, em parte, pela falta de sensibilidade cultural por parte da equipe de saúde. Segundo Nakata (2018), o diálogo entre os saberes tradicionais e o conhecimento biomédico precisa ser fortalecido para que o cuidado seja realmente acolhedor, respeitoso e resolutivo.

O distanciamento cultural entre profissionais e usuários contribui para uma relação assimétrica e pouco empática. Ao mesmo tempo, observou-se que estratégias de educação em saúde adaptadas à realidade local têm se mostrado eficazes na promoção do cuidado e na prevenção de doenças. A utilização de materiais educativos na língua nativa, além da valorização de práticas tradicionais, como o uso de plantas medicinais e a consulta às lideranças espirituais, são elementos que fortalecem a adesão das comunidades às ações propostas.

A participação das lideranças indígenas na organização dos serviços de saúde também é uma variável fundamental. Estudos como o de Santos et al. (2022) indicam que a inclusão ativa dessas lideranças no planejamento das atividades e na mediação das relações com a equipe multiprofissional contribui significativamente para o sucesso das intervenções em

saúde. A ausência dessa articulação resulta em ações descontextualizadas e, muitas vezes, ineficazes.

Ainda que políticas públicas tenham avançado nas últimas décadas, como a criação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS), a efetividade da assistência ainda está longe do ideal. As ações nem sempre conseguem atender às especificidades territoriais e socioculturais de cada povo indígena, revelando uma lacuna importante entre a política formulada e a prática cotidiana (Ahmadpour et al., 2023).

Outro ponto relevante é a ausência de mecanismos robustos de monitoramento e avaliação dos serviços ofertados. A falta de indicadores específicos de saúde indígena e a escassez de pesquisas locais dificultam a análise da efetividade das ações de enfermagem, bem como o redirecionamento de estratégias quando necessário (Silva & Pirolo, 2018). A construção de sistemas de informação sensíveis à realidade indígena é essencial para uma gestão qualificada.

Por outro lado, experiências de sucesso relatadas na literatura destacam o papel transformador da formação continuada dos profissionais. Investimentos em capacitação intercultural, que envolvam não apenas conteúdos técnicos, mas também reflexões éticas, políticas e antropológicas sobre o cuidado, têm se mostrado promissores na ampliação do acesso e da qualidade da atenção básica (Machado et al., 2022).

Também se destaca a importância de preservar o meio ambiente como parte indissociável da promoção da saúde indígena. O desmatamento e a poluição dos rios afetam diretamente a saúde física e espiritual dos povos indígenas, que mantêm uma relação simbiótica com a natureza. Estratégias de saúde que desconsideram esse vínculo profundo tendem ao fracasso, uma vez que não reconhecem a integralidade do ser indígena.

Por fim, os resultados evidenciam que um modelo de atenção à saúde indígena bem-sucedido deve integrar a participação comunitária, o respeito à cultura, a equidade no acesso e a valorização dos saberes tradicionais. A enfermagem, como ciência do cuidado, tem um papel central nesse processo, sendo necessário que os profissionais estejam preparados para atuar com empatia, conhecimento técnico e sensibilidade intercultural.

5. CONCLUSÃO

A assistência básica de enfermagem direcionada às populações indígenas brasileiras permanece permeada por desafios estruturais e sistêmicos, decorrentes da insuficiência de recursos humanos qualificados, das barreiras culturais e territoriais, bem como da

fragmentação das políticas públicas de saúde. A análise desenvolvida evidenciou que a ausência de um modelo de atenção intercultural verdadeiramente articulado compromete a efetividade e a resolutividade dos serviços, perpetuando as disparidades históricas e epidemiológicas enfrentadas por esses grupos.

Para a mitigação deste problema, a solução reside na implementação de práticas assistenciais que promovam a integração do conhecimento tradicional indígena com as diretrizes da biomedicina, aliadas à capacitação técnica e cultural dos profissionais de enfermagem. O fortalecimento de estratégias educativas, o monitoramento sistemático dos serviços e a ampliação do corpo funcional, com profissionais habilitados e sensíveis às especificidades socioculturais, configuram-se como medidas imprescindíveis para a qualificação da atenção à saúde indígena.

Os objetivos propostos foram satisfatoriamente atingidos, uma vez que foi possível delinear o contexto histórico nacional e internacional da saúde indígena, identificar lacunas críticas na assistência básica de enfermagem, compreender os entraves operacionais e institucionais, além de apresentar recomendações fundamentadas em evidências empíricas e acadêmicas para aprimorar a prática assistencial em territórios indígenas.

Ademais, ressaltou-se a importância crucial da participação social e política das comunidades indígenas no planejamento, implementação e avaliação dos serviços de saúde. A incorporação do protagonismo indígena é um vetor essencial para assegurar a coerência cultural, a autonomia e a legitimidade das intervenções, configurando-se como pilar para a construção de um modelo de atenção integral e humanizado.

Em suma, a consolidação de uma assistência de enfermagem eficaz na saúde indígena requer um comprometimento ético, político e técnico, pautado no respeito à diversidade cultural e nos preceitos da interculturalidade. A superação das desigualdades exige a convergência entre saberes tradicionais e científicos, possibilitando a oferta de cuidados integrais, equânimes e contextualizados, em consonância com os direitos constitucionais assegurados aos povos originários.

REFERÊNCIAS

- AHMADPOUR, Bahiyyeh; TURRINI, Ruth Natalia Teresa; CAMARGO-PLAZAS, Pilar. **Resolutividade no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS): análise em um serviço de referência no Amazonas, Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 28, p. 1757-1766, 2023.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CAVALCANTE, Inara Mariela da Silva. **Atividade educativa para o desenvolvimento de competências culturais de enfermeiras (os) que atuam na saúde indígena na Amazônia paraense.** 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CHAGAS, Sonaila Cristina Souza; ALMEIDA, Shirley; DA SILVA, Edriane Malcher. **A Participação Dos Agentes Indígenas De Saúde Na Atuação De Assistência À Atenção Básica Aos Povos Indígenas,** 2019.

OLIVEIRA LIMA, Angelina; DE SOUSA, Amanda Thyanne Sales. **O papel do enfermeiro dentro do contexto da assistência indígena: uma revisão de literatura.** Research, Society and Development, v. 10, n. 16, p. e326101623468-e326101623468, 2021.

OLIVEIRA, Janayla Bruna Almeida et al. **Implantação da estratégia NutriSUS para a fortificação da alimentação infantil com micronutrientes no Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Solimões.** In: 15º Congresso Internacional da Rede Unida. 2022.

SANTOS, Antônia Batista; CARDOSO, Sâmia Lívia Miranda; SIQUEIRA, Maria da Conceição Caetano. **O enfermeiro na saúde indígena: uma revisão da literatura.** Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, v. 10, n. 16, p. e259101624004-e259101624004, 2021.

SANTOS, João Victor Natalino Cardozo et al. **Atribuições e dificuldades apresentadas pelo enfermeiro frente a assistência de enfermagem à população indígena.** Research, Society and Development, v. 11, n. 4, p. e2511426834-e2511426834, 2022. 5459

MACHADO, Eduardo Marques; MACHADO, Karine de Freitas Cáceres; PEREIRA, Liliane Alves. **Portfólio acadêmico: reflexões sobre o ensino de enfermagem em interculturalidade.** Revista Bioética, v. 30, p. 318-324, 2022.

MAGALHÃES, Maristela dos Santos Cordeiro. **Uma análise da adoção das metodologias ativas de aprendizagem utilizadas por preceptores de enfermagem na atenção primária à saúde.** 2020.

MELONI, Diego Roberto. **Estratégias organizacionais para o acesso e integralidade da assistência na atenção primária à saúde.** 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NAKATA, M., 2018. **Difficult dialogues in the south: Questions about practice.** The Australian Journal of Indigenous Education, 47(1), pp.1-7.

OLIVEIRA, Edinalva da Silva et al. **O Cuidado prestado pela equipe de enfermagem às gestantes indígenas: uma revisão bibliográfica da literatura.** 2022.

PIZZANI, Luciana et al. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento.** RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

ROCHA, Ana Neri Alves da et al. **Análise da formação do enfermeiro e a multiculturalidade: saúde e povos indígenas.** 2019.

RODRIGUES, Karina Vasconcelos et al. **Organização da Atenção Primária à Saúde em um município rural remoto do norte do Brasil.** Saúde em Debate, v. 45, p. 998-1016, 2021.

SANTOS, Maria Lúcia Jesus dos. **A assistência de Enfermagem no âmbito da saúde mental dos povos indígenas kiriri.** 2021.

SILVA, Camilla Passarela; PIROLO, Sueli Moreira. **Organização do serviço para o cuidado paliativo: revisão bibliográfica.** Revista da Universidade Vale do Rio Verde, v. 16, n. 2, 2018.